

SOUZA-SILVA; André Luiz <sup>1</sup>, ALVES; Anilda Costa Alves <sup>2</sup>

## RESUMO

As discussões sobre as relações entre linguagem e gênero são longínquas. Neste artigo, refletimos sobre como a prática linguística é atravessada pela categoria “gênero” (Butler, 2017; Moita Lopes, 2013). Para tal, movemos conhecimentos sociolinguísticos (Labov, 2008; Bagno, 2017) e identitários (Hall, 2006; Rampton, 2006), uma vez que língua e sociedade não são apenas interdependentes, são também fenômenos que produzem nossos modos de pensar, sentir e agir. Nesse contexto, a partir das noções de “déficit”, “dominância”, “diferença” e “construção social”, destacamos o papel do gênero no que tange ao uso da língua. Esse movimento teórico-analítico é possível sob uma natureza qualitativa de caráter descritivo que se faz possível ao considerar as argumentações de Lakoff (2010), Lisboa (2015), Lau (2017), Bossaglia (2019), entre outras vozes. Assim, sintetizamos como a categoria “gênero” altera a lógica de interpretação a respeito dos modos de falar à luz do que se entende como “masculino” e “feminino”, por exemplo, especialmente, entre aqueles que se interessam pelos estudos sociolinguísticos, sejam variacionistas ou não. Por fim, fica evidente que a noção de déficit alinha a existência de um “sexoleto”, por haver uma norma linguística essencialmente masculina, mas produtividade da fala da mulher está em si mesma; a respeito da dominância temos as ideias de subordinação feminina em voga; já com base na diferença o modo de falar das mulheres é diferente, não sendo menos assertivo ou menos empoderado e, por último, a construção social destaca a prática linguística – assim como gênero – algo que é construído.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística, Gênero, Prática Linguística

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, andreluiz.bans@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual da Paraíba, anildacosta16@gmail.com